



ANTROPOLÓGICAS MATERNAS

Dayana Zdebsky de Cordova

Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Programa de Pós-Graduação em Gestão Urbana | Curitiba, Brasil
dayanazde@gmail.com | ORCID iD: 0000-0002-9514-8918

Sinopse

A antropóloga brasileira Mariza Corrêa (1970:70) questionava, há décadas, o que distinguia e aproximava as antropólogas e os antropólogos. Você consegue imaginar? Inspirada na indagação de Corrêa, este vídeo-ensaio é fruto de uma investigação sobre as condições sob as quais antropólogas-mães trabalham. Seu lócus de pesquisa foi o período da pandemia de covid-19, quando o contexto de isolamento social explicitou especificidades da convivência entre criança(s) e quem exerce o cuidado que dá suporte à(s) sua(s) vida(s).

Ao longo dos cerca de 4 minutos de *Antropológicas Maternas*, uma criança de três anos “invade” o trabalho remoto de sua mãe em diferentes situações. Esses momentos foram transmitidos on-line e registrados. A mãe atravessada pela criança é uma mulher cis, branca, antropóloga-professora-pesquisadora que dá aulas, escreve, estuda e pensa de modo entrecortado, interrompido, fragmentado, atropelado pelas necessidades da filha. *Antropológicas Maternas* foi construído a partir de um acervo em baixa resolução de aulas e eventos que ocorreram ao longo de 2020 (o primeiro ano da pandemia) e foi editado em 2023. O vídeo-ensaio é perpassado por situações inusitadas, pela fofura da presença da criança, pelo desdobramento da mãe-professora-pesquisadora em múltiplos papéis simultâneos e sua consequente exaustão.

Embora traga os rostos de uma mãe e de uma criança, o vídeo-ensaio transcende especificidades das pessoas ali retratadas, do fazer antropológico e científico, do trabalho remoto, da pandemia. Trata-se de um exercício reflexivo sobre articulações entre práticas maternas e profissionais. Este trabalho gera identificação e angústia naquelas que compartilham a mesma



experiência da “viração” entre o trabalho do cuidado exercido de forma gratuita e o trabalho que remunera.

Há alguns anos, cientistas mães têm se organizado em movimentos como o *Parents in Science*, que desde 2016 busca construir dados e políticas sobre parentalidade e produção acadêmico-científica em publicações como “O pessoal é político, relatos de mães acadêmicas no contexto da pandemia” (Caramuru Teles; Rebelo 2021); em espaços de trocas e divulgação científica, como mesas-redondas e grupos de trabalho em congressos nacionais e internacionais; e em grupos em redes sociais, como o “Antropólogas-Mães-Etc”, que atualmente conta com 31 membras, com diferentes vínculos (ou não vínculos) com a academia e que, desde 2020, tem funcionado via *Whatsapp* como um espaço de trocas, escuta e apoio mútuo para a conciliação da vida materna e antropológica.¹ O vídeo-ensaio *Antropológicas Maternas* está intimamente vinculado a esse último grupo: foi especialmente a partir de nossas trocas, desabafo, conversas, mesas sobre maternidade que ele pôde existir. Foram as mulheres desse grupo que deslocaram o que estava registrado em meu acervo da esfera do drama individual para uma questão coletiva dirigida à reflexão sobre o trabalho antropológico.

A esperança é que, além de tocar aquelas pessoas que cuidam, *Antropológicas Maternas* também consiga levar um pouco dessa experiência para quem não compartilha do cuidado. Assim, quem sabe, será possível tornar o mundo do trabalho, e particularmente o mundo da ciência e da academia, mais habitável para quem, além de produzir nas/as universidades, produz cotidianamente a vida de outras pessoas.²

Vídeo ensaio disponível em:

<https://youtu.be/73ZX66VHCXU>

Referências Bibliográficas

CARAMURU TELES, Bárbara; REBELO, Francine. (Orgs). 2021. *O pessoal é político, relato de mães acadêmicas no contexto da pandemia*. São Paulo: Editora Dialética.

CORRÊA, Mariza. 1997. “O espartilho de minha avó: linhagens femininas na antropologia”. *Horizontes antropológicos*, 3(7): 70-96. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71831997000300006>.

Parents in Science. 2020. *Produtividade acadêmica durante a pandemia: efeitos de gênero, raça e parentalidade*. Disponível em <https://bit.ly/2ApPHI0>.

Enviado: 31 de agosto de 2024
Aceito: 18 de setembro de 2024

¹ Outras iniciativas certamente estão operantes. Citei algumas que me são mais familiares e próximas.

² *Antropológicas maternas* não está disponível ao público em nenhuma plataforma, aguardando uma oportunidade de publicação.

ANTROPOLÓGICAS MATERNAS

Resumo

Ao longo dos cerca de 4 minutos deste vídeo-ensaio experimental, uma criança de três anos invade diferentes falas de sua mãe enquanto elas são transmitidas on-line. A mãe atravessada pela criança é uma antropóloga, professora e pesquisadora que dá aulas, escreve, estuda e pensa de modo entrecortado, interrompido, fragmentado, atropelado pelas necessidades da filha. O vídeo, construído a partir de um acervo em baixa resolução de aulas e eventos que ocorreram ao longo de 2020 (o primeiro ano da pandemia de covid-19), é perpassado por situações inusitadas, pela fofura da presença da criança e pela “viração” em múltiplos papéis simultâneos e consequente exaustão da mãe. Embora traga os rostos de uma mãe e de uma criança, o vídeo transcende as especificidades das pessoas nele retratadas, do fazer antropológico ou mesmo científico: é um vídeo sobre articulações entre práticas maternas e profissionais. Este trabalho gera identificação e angústia naquelas que compartilham a mesma experiência do se desdobrar entre o trabalho do cuidado e aquele que remunera. A esperança é que ele também consiga levar um pouco dessa experiência do cuidado para aqueles que não a compartilham, tornando particularmente os ambientes da ciência e do trabalho mais acolhedores para as mães e para quem cuida.

Palavras-chave

maternidade; trabalho; cuidado; antropologia; pandemia.

MATERNAL ANTHROPOLOGICS

Abstract

Throughout the approximately 4 minutes of this experimental video essay a three-year-old child interrupts her mother's various online talks. The mother interrupted by her child is an anthropologist, professor, and researcher who teaches, writes, studies, and thinks in an interrupted, fragmented, and rushed manner, overwhelmed by her daughter's needs. The video constructed from a low-resolution archive of classes and events that took place throughout 2020 (the first year of the COVID-19 pandemic), is permeated by unusual situations, by the cuteness of the child's presence, and by the mother's "juggling" of multiple roles simultaneously and consequent exhaustion. Although featuring the faces of a mother and a child, the video transcends the specificities of the people portrayed, of anthropological or even scientific work: it is a video about articulations between maternal and professional practices. This work generates identification and anguish in those who share the same experience of dividing themselves between care work and paid work. The hope is that it can also bring a little of this care experience to those who do not share it, making, particularly the environment of science and work, more welcoming for mothers and caregivers.

Keywords

motherhood; work; care; anthropology; pandemic.